



## NO TRAÇADO DE UM ROTEIRO TURÍSTICO, ALGO ESCAPA AO PRÉ-CONSTRUÍDO DE “LA NOSTRA ARTE”

Mônica Restelatto<sup>1</sup>  
Mateus Vitor Tadioto<sup>2</sup>

O presente trabalho<sup>3</sup> tem por objetivo discutir, através da relação entre Análise do Discurso e Turismo, o processo pelo qual o roteiro turístico mobiliza um pré-construído e se constitui como validador de um discurso que busca fixar a forma-sujeito da colonização italiana. Para tanto, recortamos como materialidade o artesanato feito em palha de milho no município de Antônio Prado/RS.

O Município de Antônio Prado/RS é conhecido por seu acervo de casas tombadas pelo IPHAN – Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, que remete ao início da colonização italiana na Serra Gaúcha. Além das casas tombadas, uma série de atrativos – localizados tanto na zona rural quanto na zona urbana – compõem o roteiro turístico de visitas. Neste contexto, o artesanato é apresentado como expoente das tradições locais, sendo exibido e comercializado junto às casas tombadas que ocupam o centro da cidade como “La nostra arte”.

O artesanato, enquanto produto, requer a exclusividade do trabalho manual para a produção de um objeto/obra. Devem ser as mãos a principal ferramenta utilizada na confecção de algo. Ao passo que “o uso de ferramentas, inclusive máquinas, quando e se ocorre, se dá pela forma apenas auxiliar, como um apêndice ou extensão das mãos, sem ameaçar sua predominância” (LIMA, 2008, p.65). Segundo Campos (2007) o artesanato, no domínio da arte “localiza-se no limbo, marginalmente denominado arte menor, arte manual, arte popular” (CAMPOS, 2007). Essa condição não se dá em Antônio Prado, o artesanato nesta cidade é “La nostra arte” e se faz presente em todo aparato disposto do roteiro turístico.

Aqui, o trabalho artesanal se destaca, pois se torna *souvenir*. Peças representativas do imaginário de uma comunidade sobre o lugar em que vive, na busca pela correspondência das expectativas do visitante/turista sobre o lugar visitado. (HORODYSKI, MANOSSO e GANDARA, 2013). Essas peças artesanais se constituem então como alegorias marcantes e comercializáveis do turismo, impregnadas pelas marcas do discurso validado no município.

Entre variados tipos de artesanato, surgem as bonecas feitas de palha de milho com vestidos, aventais e chapéus, imitando as vestimentas das imigrantes italianas em seus afazeres domésticos e agrícolas. Essas bonecas de rostos tímidos em roupas recatadas seriam os brinquedos das meninas daquela época. Esse artesanato funciona como um pré-construído, o “sempre-já-aí” da interpelação

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós Graduação em Turismo e Hospitalidade da Universidade de Caxias do Sul. E-mail: monirestellatto@gmail.com

<sup>2</sup> Doutorando do Programa de Pós Graduação em Turismo e Hospitalidade da Universidade de Caxias do Sul. E-mail: mateus.tadioto@gmail.com

<sup>3</sup> Orientado por Luciene Jung de Campos, Doutora em Teorias da Linguagem, do Texto e do Discurso (UFRGS). Docente do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade da Universidade de Caxias do Sul (UCS). Integrante dos seguintes Grupos de Pesquisa: Oficinas de Análise do Discurso: conceitos em movimento (UFRGS); Grupo de Teoria do Discurso (UFF); Grupo Turismo: Desenvolvimento Humano e Social, Linguagem e Processos Educacionais (UCS). Universidade de Caxias do Sul (UCS), Caxias do Sul, Brasil. E-mail: ljungdecampos@gmail.com.



ideológica que fornece-impõe a 'realidade' e seu 'sentido' sob a forma da universalidade" (PÊCHEUX, 1997, p. 164). Trata-se de uma formulação que se incorpora a um domínio do saber para constituir o sujeito ideal da Formação Discursiva imigração italiana.

Na nossa leitura, o roteiro de visitação turística do município funciona como a armadura discursiva a partir da qual o município se autoriza a intitular-se "O mais italiano do Brasil", organizando, a partir de uma regulação do espaço, os pontos onde o olhar dos cidadãos e do turista devem se voltar, numa tentativa de homogeneizar a cidade. Assim, os sujeitos estão atados à cidade e são ressignificados por essa ligação na imagem do imigrante italiano através de uma forma-sujeito que trabalha a terra e que conquista tudo o que tem pelo mérito e pela fé com muito trabalho e grande esforço. Nesse contexto, trabalho é sinônimo de sustento e, então, tanto a atividade laboral como o artesanato (produzido nos períodos de descanso), aderem à imagem do imigrante que trabalha sem cessar, o passatempo também é trabalho.

Ainda dentro dos limites do município, em frente a uma residência de agricultores de descendência italiana, algo foge da guarnição estabelecida pelo que deveria ficar evidente e encoberto pelo aparelhamento da rota. Um além-rota se apresenta. Trata-se de uma instalação a céu aberto nos entornos da casa do agricultor com bonecos de feições rudes e arranjos fálicos, dispostos em composição com outros materiais de sucata e de diversas origens, promovem um abalo no imaginário construído no município.

Esse acervo de peças a céu aberto, onde chapéus de imigrantes e rodas de carroça – cotidianas no imaginário sobre o imigrante – rivalizam com peças fálicas e cabeças de bonecas, estabelecem um ponto de contra-identificação entre o seu autor e o todo complexo que compõe o mote da "Cidade mais Italiana do Brasil". A contra-identificação é caracterizada pelo "mau sujeito" onde "o sujeito do enunciado se volta contra o sujeito universal" (Pêcheux, 1997, p. 215). Assim ao contra-identificar-se o sujeito "se identifica, mas com reserva, com distanciamento, com questionamento, com dúvida" (Indursky, 2008, p. 13).

Essa contra-identificação não acontece somente em função do lugar e da composição das obras, mas também por ser resultado do trabalho de criação de um descendente de imigrantes italianos, que, numa perspectiva estrita, representaria mais legitimamente o modo de vida de seus antepassados. O autor da obra, agricultor aposentado ao contra-identificar-se é rotulado como "maluco". A fragilidade dessa Formação Discursiva é denunciada quando as contra-identificações aparecem. Assim que algo destoa da repetitividade da italianidade e todo o complexo de pré-construídos que constituem sua harmonia é silenciado, esquecido, desvalorizado.

O roteiro turístico condiciona o visitante/turista, através da repetição dos pontos turísticos e a história contada, a uma única compreensão. Num processo terapêutico, na concepção freudiana, a repetição é a resistência latente do que recalcou-se para o inconsciente. "Quanto maior a resistência, mais extensivamente a atuação (acting out) (repetição) substituirá o recordar" (Freud, 1914/1996, p. 166). Podemos associar o fenômeno da repetição do processo terapêutico e a repetição do discurso cabal de Antônio Prado:

Ao repetir por atuação, o paciente rememora eventos e reproduz situações não mediadas pela linguagem. Ao ser capaz de simbolizar um evento ocorrido por atuação, o analisante



tornaria consciente, ou racionalizaria, seu comportamento diante do analista, dando a ele a capacidade de elaborar a lembrança, ou a repetição, de forma simbólica, mais propícia a ser articulada com outras ideias inconscientes. (Almeida e Atallah, 2008, p. 207)

O discurso repetido da cidade cumpre o papel de sustentáculo da Formação Discursiva imigração italiana. Enquanto repete-se não cria-se, mas na repetição pode surgir o equívoco. Se por um momento dá-se um *insight* pode-se simbolizá-lo e elaborá-lo. Pode-se também negá-lo e rechaçá-lo, assim como, se faz no funcionamento do sintomático município que apresenta o artesanato como “a sua arte” e exclui outro tipo de produção artística.

Pêcheux (1997), aponta que as falhas dos rituais, ou seja, os bloqueios da ordem ideológica relacionam-se como o ponto sempre-já-aí (evidência), “dessa origem não-detectável da resistência e da revolta: formas de aparição fugidias de alguma coisa ‘de uma outra ordem’, vitórias ínfimas que, no tempo de um relâmpago, colocam em xeque a ideologia dominante tirando partido de seu desequilíbrio” (p. 301) .

Além disso, as estranhas peças antagonizam com a noção de *souvenir*, uma vez que não podem ser capitalizadas e comercializadas, pois não são produções seriais ou peças móveis. Assim, o trabalho autoral do agricultor encontra outro espaço de contradição com a ordem universal pretendida no discurso da italianidade: trata-se de um trabalho feito sem interesse de comercialização, aqui o trabalho não é sustento.

É, portanto, na tentativa de validação de um discurso fechado em si mesmo, que tem, na figura do colono sua forma-sujeito, que o roteiro falha. Afinal, é na produção também de um colono que a forma-sujeito é questionada e outras formas podem aparecer para além da rota num outro trabalho e noutra arte. Do ponto de vista discursivo, trata-se de pensar o efeito do pré-construído como repetição de uma memória que busca cristalizar determinada Formação Discursiva. Nesse sentido, pretendemos mostrar esse funcionamento a partir da tentativa que forja um determinado imaginário apropriado pelo Turismo. Forja essa, que a partir de silenciamentos e esquecimentos, pretende tornar o mais transparente possível suas contradições e equívocos.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, L. P. & ATALLAH, R. M. F. O conceito de repetição e sua importância para a teoria psicanalítica (Online). Vol. XI, n. 2, p. 203-218. Rio de Janeiro: Ágora. 2008.
- CAMPOS, L. J. De. Bonecos: suporte do sujeito, fragmento de linguagem e monumento da história. In. Anais do Seminário de Estudos em Análise de Discurso. III SEAD (Online), 2007.
- FREUD, S. Obras completas de Sigmund Freud. Recordar, repetir e elaborar. Vol. XII. 1914/1996.
- HORODYSKI, G. S.; MANOSSO, F. C. ; GANDARA J. M. G. Conceitos e Abrangência do Souvenir na Dinâmica do Espaço Turístico: O caso de Curitiba-PR. Turismo: Visão e Ação (Online), v. 15, p. 130-143-143, 2013.
- INDURSKY, F. Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise do Discurso. In. S. Mittmann, E. Grigoletto e E. A. Cazarin, (Orgs.). Práticas discursivas e identitárias: sujeito e língua. Porto Alegre: Nova Prova. p. 09-33, 2008.
- LIMA, R. G. Engenho e arte. In: Silva R. M. C.(Org.) Cultura popular e educação. Brasília : Ministério da Educação. 2008.
- PÊCHEUX, M. Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. 3. ed. Campinas, SP: UNICAMP, 1997.